

CONTABILIDADE: CIÊNCIA, TÉCNICA OU ARTE?

Carlos Henrique Tesche
Carlos Otávio Vendruscolo
Clodiana Brescovit Alves
Leomar Wayerbacher
Nicolau Schwez
Odilon José Bussata Dalbén *

"Afirmar, todavia, que a Contabilidade é apenas arte porque até hoje as questões de forma têm prevalecido, é julgar uma ciência, nos dias de hoje, pelos dias de seu passado, esquecendo o presente e seu atual estado de evolução; é não olhar, também, as possibilidades de um futuro." (MASI, 1924)

1 INTRODUÇÃO

A busca da máxima eficiência, da lucratividade e da aplicação imediata de tudo o que surge de novo no campo profissional, seja ele qual for, leva os profissionais à supervalorização da técnica, esquecendo da Ciência embutida em cada profissão.

A confusão entre técnica e Ciência é ocasionada pela própria metodologia de ensino dos cursos universitários.

Objetivando à satisfação das necessidades do mercado de trabalho, as Universidades têm dado um enfoque utilitarista à Ciência, enfatizando o ensino da técnica em detrimento à fundamentação científica das profissões. Isto debilita o

senso crítico dos profissionais oriundos destas Universidades no que se refere àquilo que fazem, e não desenvolve neles interesse pela busca dos fundamentos científicos que lastreiam o seu campo de atuação.

A facilidade metodológica do ensino da técnica é verificada tanto do ponto de vista do estudante, como do docente. Para o docente não é necessário um conhecimento científico profundo do assunto e a possibilidade de questionamentos é reduzida, uma vez que visão prática e unilateral, facilita a compreensão do aluno, que acomoda-se frente a esta situação.

Nossa preocupação em relação ao assunto reside no fato de que ao observarmos a realidade acadêmica

de nosso curso encontramos uma tipificação desta situação, onde o conhecimento científico cede lugar ao ensinamento de técnicas.

A forma com que este modelo vem se legitimando, principalmente na área contábil, faz com que passemos a analisar mais criticamente a origem do problema e discutir soluções para buscar escapar deste maquinismo, a começar pelo próprio entendimento do que é a Contabilidade.

Ciência, Técnica ou Arte são definições que usualmente lhe são atribuídas. Nosso objetivo neste trabalho é clarificar cada um destes conceitos e, finalmente, definir qual o enquadramento da Contabilidade.

Para tanto formulamos conceitos próprios de CIÊNCIA, TÉCNICA e ARTE, a partir de intensa pesquisa bibliográfica e vários debates em sala de aula. Buscamos um embasamento filosófico para formação e justificação de nossos conceitos, pois a Filosofia é a fonte de todas as áreas do conhecimento humano e todas as ciências dela não só dependem como nela se incluem.

* Professores da UFRS

A riqueza e diversidade de proposições encontradas sobre o assunto fazem com que a tarefa de apresentar conceitos sólidos de CIÊNCIA, TÉCNICA e ARTE seja bastante complexa.

Devemos tomar cuidado em estabelecer parâmetros concretos e devidamente direcionados, sem deixar de preocupar-nos com a tarefa inerente de formular um arsenal de argumentos contra uma possível avalanche de questionamentos que possam ser levantados contra nossas asserções.

Fazemos questão de deixar de lado qualquer prenúncio de arrogância e inflexibilidade na defesa destas idéias, resumindo a apresentação de nosso trabalho na demonstração da metodologia do estudo e na fundamentação das conclusões.

2 DEFINIÇÃO DE TÉCNICA

Técnica é o conjunto de procedimentos ordenados e concretos aplicáveis na realização de objetivo específico.

A técnica é uma forma de expressão do conhecimento humano. Está relacionada ao aspecto produtivo da atividade humana, tanto no âmbito material como mental.

Caracteriza-se por procedimentos concatenados de forma ordenada, ainda que somente no âmbito intelectual, ou seja, independentemente de estarem aplicados, caracterizarão a técnica, desde que possam ser aplicados.

Nesta conceituação a palavra concreto foi utilizada para delimitar

o objeto da técnica. Devemos salientar, que a técnica não é aplicável apenas para fins materiais, mas aplicável também para fins abstratos, como por exemplo a hipnose e a ioga.

A definição do objetivo a ser atingido é importante para orientar a execução da tarefa e permitir alcançar a meta esperada.

A técnica busca a eficiência e a otimização do resultado naquilo que executa. Para satisfazer tais qualidades é fundamental possuir um objetivo específico.

3 DEFINIÇÃO DE ARTE

Arte é a manifestação do Belo, produto de intensas emoções estéticas do artista, ligado a condições diversas de época, de povo, de cultura.

As intensas emoções do artista caracterizam-se pelos aspectos de criatividade e imprevisibilidade, e a exteriorização destes sentimentos de forma concreta começa a consolidar aquilo que designamos por Arte.

A arte é conceituada como sendo a manifestação do belo, onde este é o objeto da satisfação do espírito do homem face ao equilíbrio resultante da combinação dos elementos esteticamente apresentados pelo artista.

Haja vista esta satisfação ser de essência estritamente subjetiva, uma vez que é condicionada ao padrão de espírito e cultura de cada indivíduo, é imprescindível observar que as condições da época, do povo e da cultura em que este indivíduo se encontra irão moldar sua capacidade de percepção e, conseqüentemente, a forma com que encara a manifestação do artista como sendo "Belo" e, por conseguinte, arte.

4 DEFINIÇÃO DE CIÊNCIA

Como já foi colocado, a literatura que subsidia o assunto é muito ampla, de forma que nos é possível estudar vários conceitos de ciência, analisá-los, criticá-los e, finalmente, extrair as idéias que nos parecem corretas e mais precisas.

Deste trabalho de discussão e compilação resultou nossa concepção de Ciência, que passamos a explicar a seguir.

Ciência é um conjunto de conhecimentos certos e gerais, referentes a um objeto delimitado, obtidos através de métodos racionais.

4.1 Conhecimento

Etimologicamente Ciência é sinônimo de conhecimento, caracte-

terizando-se este por uma relação de assimilação da coisa pelo homem. Todavia tal associação não é suficiente para definirmos Ciência, tendo em vista a existência de diferentes tipos de conhecimento.

É importante, inicialmente, uma breve distinção entre os tipos de conhecimento, para posteriormente os correlacionarmos com o conceito de Ciência.

Numa distinção bastante tradicional e simples, podemos classificar o conhecimento em quatro níveis: vulgar ou empírico, filosófico, teológico ou religioso e científico.

4.1.1 Conhecimento vulgar

Alguns o classificam como conhecimento sensível. É o conhecimento adquirido no dia-a-dia através da percepção das coisas pelo homem.

Este conhecimento restringe-se ao que visualizamos ou experimentamos. Se resume ao fato ocorrido, seja no âmbito material ou abstrato, sem se preocupar com as causas de sua ocorrência, é por isso, considerado incompleto e superficial.

4.1.2 Conhecimento filosófico

É um conhecimento subjetivo, cujo ponto de partida consiste em hipóteses que não poderão ser submetidas à observação.

A fundamentação do conhecimento filosófico está na experiência vital e cultural do indivíduo, a partir

do qual este formulará uma concepção própria da verdade sobre as coisas.

4.1.3 Conhecimento teológico

O conhecimento teológico é direcionado à compreensão da totalidade da realidade do homem - mundo. O objetivo é detectar um princípio e fim unívoco no que se refere a gênese essencial do cosmo.

Não é considerado um conhecimento racional, pois está fundamentado na fé e na crença. A sua verificabilidade, bem como a do conhecimento filosófico, é impossível, e só é praticável acreditando-se na existência de Deus.

4.1.4 Conhecimento científico

É aquele que transpõe-se ao fato e busca conhecer suas causas, diferenciando-se, desta forma, da superficialidade do conhecimento vulgar.

O conhecimento científico busca a essencialidade das coisas, abandona a contemplação exclusivamente sensitiva dos fatos para obter a relação e justificativa da causa e efeito relacionada a estes fatos.

Outra diferença entre o conhecimento vulgar e científico é que o último exige um método racional para a sua obtenção.

Vale então observar que quando há inferência do termo "conhecimentos" na definição de Ciência, este se refere ao "conhecimento científico", haja vista as características antes fundamentadas.

4.2 Conhecimentos certos

Partimos, então, do princípio de que conhecimento é uma relação de assimilação intelectual da "coisa" pelo "homem".

Buscamos justificar a importância da característica certa através da definição do adjetivo certeza, no momento em que esta se refere ao sujeito do conhecimento, o homem.

A idéia de certeza atribuída ao conceito provém da definição de que ela consiste no estado de espírito que afirma uma verdade conhecida, sem temor de engano.

Mas o que é a verdade?

A fim de melhor compreensão do assunto, faremos uma distinção entre a Verdade Ontológica e a Verdade Lógica. A primeira exprime a essência das coisas. Estas existem efetivamente, fora e independentemente de nós, homens.

Já a Verdade Lógica consiste em uma relação entre o espírito humano e a Verdade Ontológica, ou

seja, a verdade lógica se estabelece no momento em que o juízo que o homem faz da coisa está conforme ao que ela realmente é.

Se afirmamos que em Marte há criaturas humanas, esta colocação terá valor lógico da verdade, se lá houver criaturas humanas.

Mas o que estabelece, então, a relação de conformidade ou não entre a afirmação e o fato em si.

Passamos então ao conceito de evidência, que é a manifestação clara à inteligência humana daquilo que é desvelado na coisa. Se tivéssemos evidências de que há vida em Marte, a premissa seria verdadeira.

Através da percepção destas evidências, o espírito humano assumirá, em relação à verdade, um destes quatro estados:

- Ignorância: a verdade pode aparecer-lhe simplesmente como possível, pela total falta de evidências.

- Dúvida: encara a verdade somente como provável.

- Opinião: afirma a verdade, mas com temor de se enganar.

- Certeza: o verdadeiro aparece-lhe como evidente. Afirma a verdade sem receio de se enganar.

Fica pois, flagrante, a importância do atributo "certeza" ao conhecimento científico, observando-se que o conhecimento tido como vulgar pode até ser verdadeiro (sob o aspecto ontológico), no entanto a insuficiência de evidências faz com que o espírito humano se encontre em algum dos outros estados antes apresentados.

O conhecimento das coisas pelas suas causas e suas leis, na tentativa de estabelecer suficiente

respaldo de evidências para consolidar o estado de certeza na afirmação da verdade a que se refere é, portanto, característica preponderante do conhecimento científico.

Devemos salientar, ainda, que a Ciência está em constante evolução e que o estado de certeza a respeito de seus conhecimentos não é definitivo. O que é certo hoje, poderá não o ser amanhã.

4.3 Objeto do conhecimento

Como já verificamos, o fundamento da Ciência está no conhecimento, na busca do saber, inerente ao próprio ser humano.

Nesta busca de conhecimentos, a Ciência focaliza dois objetos bastante genéricos: o Homem e a Natureza. No primeiro, o homem, sujeito da Ciência, busca o conhecimento sobre si mesmo, tanto no âmbito físico como mental e no

segundo o homem busca conhecer o mundo que o rodeia.

No entanto, verificamos que o Homem e a Natureza é uma distinção de objeto muito ampla e que nada delimita. Se fosse mantida resultaria na existência de apenas duas ciências.

Quando inferimos que a Ciência deve ter um objeto delimitado, deduzimos que esta deve abranger uma área específica dentro do estudo da Natureza ou do Homem, e buscar acerca deste objeto o máximo de conhecimento.

A delimitação do objeto de estudo serve para orientar o conhecimento e a função de cada Ciência, e é o objeto que irá determinar a diferença entre a Química e a Física ou entre a História e o Direito.

Poderemos e vamos encontrar duas ou mais ciências com o mesmo objeto material, como a própria Química e a Física, exemplificadas anteriormente, que estudam ambas a eletricidade; ou a Psicologia e a Sociologia que estudam o comportamento do homem. No entanto, não devemos esquecer que o enfoque de cada ciência é diferente, estabelecendo-se vários "objetos formais".

A eletricidade é estudada pela química sob o enfoque dos elétrons, enquanto que a Física a estuda como fonte de energia. O comportamento individual do homem em função de sua personalidade é estudado pela Psicologia, enquanto a Sociologia estuda o comportamento do homem na sociedade.

Cabe, ainda, salientar que o estudo de um mesmo objeto material sob enfoques diferentes, constituindo distintos objetos formais, não

cria nenhuma subordinação entre estas ciências.

4.4 Conhecimento geral

A existência de um objeto delimitado não contradiz a necessidade de que toda Ciência deva ser geral. A generalidade significa que deve haver interrelação entre as diversas áreas de uma Ciência, devemos situar todos os fatos estudados num contexto global, pois o estudo do fato em si, isoladamente, é conhecimento científico e não Ciência. Não existe Ciência do individual, o geral é diferenciador importante entre conhecimento científico e Ciência.

A generalização é o único meio de penetrar no contexto para descobrir a essência das coisas. A Ciência deve ser ampla, ou seja, bastante abrangente, correlacionando o objeto em estudo com as "interfaces" que o rodeiam, mas sem perder a profundidade de sua pesquisa, da sua busca do conhecimento. Esta é a generalidade necessária à Ciência, que em nada é prejudicada pela delimitação de seu objeto de estudo.

4.5 O método racional

Método, em seu sentido mais geral, é a ordem que se deve impor aos diferentes processos necessários para atingir um objetivo. No sentido conceitual que por nós é utilizado, fundamenta-se sua definição como sendo o conjunto dos processos que são utilizados na investigação da verdade.

A característica da racionalidade do método científico reside na premissa de que Ciência é o conhecimento pelas causas, de forma que as verdades investigadas precisam, necessariamente, ser demonstradas.

Com isso podemos identificar o método racional como sendo o conjunto de processos empregados na investigação e demonstração da verdade.

A investigação nasce de algum problema observado, ou seja, da predisposição em se analisar mais cuidadosamente um assunto com vistas a tentar desenvolver um maior conhecimento sobre ele. A partir da delimitação do objeto ou fenômeno a ser estudado utilizamos uma metodologia investigativa tal qual a coleta de dados, a observação, a formulação de hipóteses, a experimentação e a apresentação de modelos.

Inexiste um método único, aplicável uniformemente por qualquer tipo de Ciência. O método

está intimamente relacionado ao objeto de estudos de cada Ciência e a ele se adapta. Todavia, podemos apresentar, genericamente, dois tipos de processos nos quais se enquadram conceitualmente os processos investigativos específicos: a análise e a síntese.

A análise é a demonstração de um todo em suas partes constituintes, objetivando o estudo profundo e minucioso de cada uma destas partes a fim de conhecer sua natureza, suas funções, suas relações de causalidade. A análise é o processo que parte do mais complexo para o menos complexo, através da divisão das dificuldades em tantas parcelas quanto se possa e seja necessário para melhor resolvê-las.

A síntese é um processo lógico de reconstrução ou recombinação do todo, a partir de suas partes. Objetiva obter o conhecimento da totalidade do objeto de estudos. Reunindo todas as partes estudadas, a síntese possibilita que se conheçam as relações determinantes da unidade do objeto em estudo, conferindo-lhe um sentido global. A síntese parte do mais simples para alcançar o mais complexo.

Os processos investigativos particulares utilizados por qualquer Ciência nada mais são, em suma, do que variações de uma metodologia de análise e síntese.

Já a demonstração da verdade consiste na forma com que teorizamos a respeito das investigações, com o objetivo de consolidar proposições que, devidamente argumentadas, afirmarão o caráter de "verdade" do conhecimento adquirido. Corresponde à forma pela

qual tentamos provar nossas conclusões.

No desenvolver desta tentativa de legitimação do conhecimento, o homem se utiliza basicamente de dois tipos de raciocínio: a dedução e a indução.

Na dedução, o raciocínio parte do geral para chegar ao particular, do universal para chegar ao singular, em outras palavras, a dedução consiste em tirar uma verdade particular de uma verdade geral na qual ela está implícita. Parte-se da verdade universal para se chegar à verdade singular. Seu argumento lógico é que um fato geral encerra em si a explicação de outro semelhante, porém menos geral.

Na indução, o raciocínio vai do particular para o geral. Parte-se de uma ou várias verdades singulares para se chegar a uma verdade universal. A indução é o raciocínio pelo qual o espírito, de dados singulares suficientes, infere uma verdade universal.

5 CLASSIFICAÇÃO DAS CIÊNCIAS

Apresentaremos a classificação das Ciências defendida por Lakatos, baseada numa divisão proposta por Mario Bunge. Em primeiro lugar, as ciências são divididas em dois grandes grupos: as ciências formais e as ciências factuais.

As ciências formais, dentro das quais são enquadradas a lógica e a matemática, têm como objeto, o estudo de idéias. Se caracterizam por tratarem de entes ideais, tanto abstratos quanto interpretados, exis-

tentes apenas na mente humana e, mesmo nela, a nível conceitual e não fisiológicos. São por isso também denominadas de ciências abstratas.

O outro grande grupo, as ciências factuais, têm por objeto o estudo dos fatos. Utilizam-se do método experimental para verificar seus postulados e suas hipóteses.

As ciências factuais, por sua vez, são subdivididas em dois grupos: as ciências naturais e as ciências sociais. As ciências naturais dedicam-se ao estudo da natureza, da vida, das suas leis e das diversas formas que afetam os seres vivos.

As ciências sociais têm como objeto o homem enquanto ser inteligente, livre e social, não somente considerado em si mesmo, mas também em seus atos, que são a manifestação de sua vida moral e social.

6 OBJETIVOS DA CIÊNCIA

A partir do momento em que consolidamos o padrão conceitual

de "Ciência", podemos partir para um esquema associativo destes parâmetros inicialmente discutidos para com a "Contabilidade".

Antes, no entanto, gostaríamos de chamar a atenção ao fato de que em nenhum momento fizemos referências a objetivos ou finalidades da Ciência.

A complexidade do assunto é polêmica.

Poderia um conjunto de conhecimentos ser totalmente desassociado de objetivos?

Em nosso ponto de vista, sim. Ainda que, na maioria das vezes, o conhecimento seja pesquisado de maneira a ser utilizado futuramente para algum tipo de finalidade.

Consideramos imprescindível desassociar este caráter utilitário do conceito de Ciência, haja vista estarmos lidando com coisas distintas conforme veremos a seguir.

FRANCIS BACON defendia o "saber pelo saber", onde o cientista desenvolve seus estudos sem a preocupação com a finalidade que possa ser a eles empreendida. Bacon sugeria que o cientista se dedica à Ciência com vistas ao domínio da natureza, ou mesmo o domínio do próprio homem, consolidando apenas genericamente um objetivo.

Em nosso ponto de vista o conhecimento científico destina-se exclusivamente à exploração de seu próprio objeto.

O conhecimento científico possui certas condições que o caracterizam por essência, tais quais o caráter da "certeza", da generalidade e do método racional, enquanto que sua utilização está relacionada exclusivamente com sua aplicabilidade

pelo homem, de acordo com as intenções e vontades deste, e não em função de uma condição intrínseca à própria Ciência.

Do contrário, como justificar os inúmeros descobrimentos que surgiram ao acaso, como por exemplo o aparecimento de um elemento químico novo, totalmente diferente daquele que se esperava encontrar para a finalidade original, e ainda sem aplicação prática?

Gostaríamos de não polemizar essa questão, sendo no entanto importante ratificar nossa posição no instante em que consideramos que uma Ciência enquanto "pura" não se identifica com objetivos (visa somente o estudo do seu próprio objeto). Somente podemos atribuir finalidades ao conhecimento científico no momento em que vislumbramos uma Ciência enquanto "aplicada", sendo que esta aplicação não é condição essencial para sua existência e entendimento.

7 DEFINIÇÃO DE CONTABILIDADE

CONTABILIDADE é a ciência social que tem por objeto o patrimônio de quaisquer entidades, em seus aspectos qualitativos e quantitativos, bem como as suas variações.

7.1 O Objeto da Contabilidade

Toda Ciência tem um objeto definido. A delimitação do objeto de

estudo serve para orientar o campo de ação de cada Ciência.

A Contabilidade tem por objeto material o Patrimônio de quaisquer entidades.

O Patrimônio consiste no conjunto de bens, direitos e obrigações pertencentes a uma ou mais pessoas.

O Patrimônio é também objeto de estudos de outras áreas do conhecimento, como a Administração, a Economia e o Direito. O que as diferencia é o enfoque atribuído ao estudo do objeto, definindo o objeto formal de cada uma delas.

A Administração estuda o patrimônio sob o aspecto da gestão, ou seja, busca formas eficientes de gerir e manipular as riquezas de uma entidade.

Na Economia o enfoque dado ao patrimônio se relaciona com os escassos recursos disponíveis que precisam ser administrados com máxima eficiência, objetivando a satisfação dos ilimitados desejos do homem, atingindo inclusive o estudo do Patrimônio no âmbito de cidades, estados ou países, buscando

entender o comportamento dos recursos.

No Direito o patrimônio é um dos objetos de estudo, e quanto a este aborda e preocupa-se apenas com o aspecto da propriedade e especialmente com as relações jurídicas existentes.

A Contabilidade estuda o patrimônio sob seus aspectos qualitativos e quantitativos e de suas variações, buscando entender e prever o seu comportamento.

Sob o ponto de vista qualitativo, a Contabilidade estuda o patrimônio no que se refere a sua composição e natureza dos diferentes elementos que o constituem.

Sob o ponto de vista quantitativo, a Contabilidade analisa o patrimônio como fundo de valores, ou seja, se preocupa com a quantificação dos diversos elementos componentes do patrimônio. Diante da heterogeneidade destes componentes patrimoniais, a Contabilidade utiliza-se de um denominador comum monetário, visando reduzi-los a uma expressão que permita agrupá-los e compará-los com maior facilidade.

Ainda com relação ao patrimônio, a Contabilidade busca a apreensão, a quantificação, o registro, o relato e a interpretação das variações patrimoniais. Estas variações tanto podem ser qualitativas como podem ser quantitativas.

Ainda que sejam registradas pela Contabilidade as variações patrimoniais decorrentes de qualquer tipo de fatos, quer sejam estes decorrentes da ação humana, quer se originem de fatores fora do alcance da vontade humana, como os sinis-

tros, por exemplo, a maioria dos fatos que provocam variações patrimoniais tem como agente o homem. Este é o principal motivo que nos leva a classificar a Contabilidade como ciência social.

A Contabilidade analisará qualquer variação patrimonial, independentemente de que o fato que a tenha originado decorra de operações normais da gestão das entidades e esteja sob controle dos gestores destas entidades, ou se origemem de situações extraordinárias sobre os quais a entidade não tenha qualquer gerência, tais como fatos relacionados à greves, política econômica, legislação, conjuntura econômica, etc.

O que caracteriza as ciências sociais é ter por objeto o homem enquanto ser inteligente, livre e social, considerado não somente em si, mas também em seus atos, que são manifestações da sua vida moral e social.

O que a Contabilidade estuda é justamente o efeito que a ação do homem causa sobre o patrimônio das entidades.

Na classificação da Contabilidade como ciência social, outro aspecto a ser salientado é o seu objeto ser o patrimônio de quaisquer entidades. Estas entidades são agregados compostos de bens e pessoas, voltados à obtenção de fins comuns, fazendo, portanto, parte do sistema social.

A Contabilidade, enquanto ciência pura, de acordo com o que já foi colocado, se caracteriza pela busca do conhecimento da verdade a respeito do seu objeto de estudo, sem priorizar uma utilização ime-

diata. Se preocupa, apenas, com a obtenção do saber pelo saber, sem uma finalidade de aplicação prática.

Já enquanto ciência aplicada, a Contabilidade busca a utilização dos conhecimentos consolidados na solução de problemas concretos. É nesta situação que se definem os objetivos da Contabilidade, como por exemplo, a sua utilização como sistema de informações para fins gerenciais.

Queremos, ainda, salientar que a Contabilidade não está voltada exclusivamente para o passado. Na medida em que conhece as causas das variações patrimoniais e os seus efeitos sobre o patrimônio, possibilitará fazer predições a respeito do comportamento do patrimônio face à determinadas situações.

Ao definirmos Contabilidade como sendo uma Ciência, estamos admitindo que ela atenda a dois requisitos importantes de acordo com o nosso conceito de Ciência, quais sejam a certeza e a generalidade.

Consideramos que a Contabilidade corresponde a um conjunto de

conhecimentos certos na medida em que tais conhecimentos são entendidos como "verdades" a respeito do seu objeto de estudo. Ao mesmo tempo, a Contabilidade é capaz de justificar suas asserções, proporcionando ao estado de espírito da certeza com relação à estas "verdades".

Já em relação à generalidade, consideramos que a Contabilidade atende tal condição tendo em vista que abrange todo o campo de conhecimentos relacionados com o seu objeto formal (o Patrimônio e suas variações, sob os aspectos qualitativos e quantitativos), estabelecendo a devida relação entre os elementos componentes do seu campo de atuação.

7.2 O Método da Contabilidade

Conforme analisamos previamente, uma Ciência, na exploração do seu objeto, utiliza-se de um método racional, ou seja, de um conjunto de processos que são orientados para a investigação e demonstração da verdade. Por analogia, a Contabilidade, entendida como ciência, também emprega métodos científicos que, embora possuam características próprias moldadas às particularidades do estudo do objeto "Patrimônio", e sejam identificáveis por nomenclatura específica da Ciência Contábil, correspondem perfeitamente aos métodos científicos gerais e aplicáveis a qualquer ciência.

Os métodos se caracterizam por apresentar na investigação dois tipos

de processos (a análise e a síntese) e na demonstração da verdade os raciocínios indutivo e dedutivo.

Por investigação entendemos todo o processo metodológico utilizado na observação, coleta de dados, experimentação e apresentação de modelos.

Na demonstração atende-se a necessidade de comprovar as proposições levantadas pelo processo investigativo. Aqui podemos destacar o enunciado de leis e a teorização. É a consolidação do conhecimento pelas causas.

Na Contabilidade podemos identificar esses diferentes tipos de métodos conforme apresentaremos a seguir:

a) Investigação

Não é tarefa das mais difíceis associar os processos contábeis de investigação com os métodos genericamente entendidos por sintéticos e analíticos. O levantamento de balancetes, do Balanço Patrimonial ou da Demonstração de Resultados do Exercício são exemplos típicos de um processo sintético, onde há observação, coleta de dados e posterior apresentação no modelo convencional. Na caracterização de processos analíticos podemos destacar a análise de balanços e a análise de custos.

Cumpra apenas ressaltar que o processo entendido por apresentação (investigação) é diferenciado da demonstração, muito embora o emprego dos dois termos indistintamente possa causar certa confusão. Por exemplo, como entender que as Demonstrações Contábeis não são efetivamente uma demonstração a

nível metodológico? A resposta reside no entendimento que a simples apresentação de um Balanço Patrimonial não é suficientemente explicativa a fim de assegurar que ele, de fato, espelha o que afirma representar. Somente a demonstração metodológica, como todo o arcabouço teórico que descreve a utilização lógica e adequada de métodos investigativos que foram utilizados na prospecção de verdades sobre o Patrimônio, e que comprova minuciosamente a fidedignidade e utilidade deste modelo denominado "Balanço Patrimonial", é que irá satisfazer as características de certeza e generalidade que envolvem o método científico;

b) Demonstração

No desenvolvimento destas teorias, o pesquisador se utiliza de dois tipos de raciocínio: o indutivo e o dedutivo.

Um exemplo de raciocínio indutivo na Contabilidade pode ser visualizado na tarefa de classifi-

cação dos custos de produção em fixos e variáveis. Somos obrigados a observar individualmente cada tipo de gasto, e efetuar uma análise do seu comportamento em relação ao nível de produção para, posteriormente, classificá-lo entre os custos que variam e os que não variam com o nível de produção.

Outro exemplo da utilização de um raciocínio indutivo na Contabilidade é a formação da idéia original de que toda origem de recurso corresponde a uma aplicação. Ora, a investigação auxiliou o pesquisador no momento em que, analiticamente, forneceu dados de que em todas situações patrimoniais apresentadas foi verificado que os elementos classificados convencionalmente por "origens" se refletem sistematicamente naqueles identificáveis por "aplicações".

Essa observação permitiu que o investigador indutivamente raciocinasse que isto era uma "verdade" sob a ótica contábil, de forma que estabeleceu parâmetros que permitissem a comprovação demonstrativa de sua teoria.

No desenvolvimento de sua demonstração, utilizou-se do raciocínio dedutivo, que implicou o surgimento da equação patrimonial (Ativo menos Passivo igual a Situação Líquida) no momento em que convencionou que as aplicações são denominadas ATIVO, e que as origens de capital de terceiros são o PASSIVO, e que a diferença, representada pela origem oriunda de capital próprio, é a SITUAÇÃO LÍQUIDA, logo deduziu que o ATIVO é igual a soma do PASSIVO e da SITUAÇÃO LÍQUIDA.

8 EXCLUINDO TÉCNICA E ARTE

Por possuir objetivo específico, a técnica tem seu alcance limitado à obtenção de sua finalidade. Não apresenta, portanto, conhecimento das causas e nem contempla a generalidade necessária para abranger toda a área do objeto de estudo.

A técnica não é, por conseguinte, auto-renovável, tornando-se obsoleta quando houver alterações no objetivo inicialmente proposto.

A técnica tampouco é preditiva, característica esta tão fundamental no estudo da Contabilidade.

Acreditamos que fundamentalmente por estes motivos não é correto classificar a Contabilidade como técnica, ainda que possamos destacar algumas "Técnicas Contábeis", tal qual a auditoria, uma vez que estas foram desenvolvidas a partir da existência de um arcabouço maior denominado "Ciência Contábil".

No que se refere à arte, acreditamos que no momento em que há uma dependência de fatores altamente subjetivos, a exemplo da satisfação do espírito do homem no que se refere à aceitação do Belo, bem como o fato de que aquilo que entendemos por arte somente nascerá a partir da manifestação da criatividade e de intensas emoções inspiratórias exclusivas de um artista, torna-se relativamente fácil afastar a idéia de que a Contabilidade pudesse ser uma arte, uma vez que ela consiste de uma gama de conhecimentos lógicos e racionais conforme procuramos expor anteriormente.

9 CONCLUSÃO

O objetivo fundamental do trabalho apresentado foi o de configurar o enquadramento da Contabilidade numa destas três áreas: Ciência, Técnica e Arte e, após a classificação, desenvolver um conceito próprio e aceitável de acordo com as bases propostas.

De grande valia foi a metodologia da pesquisa, pois através de leituras de diversas obras pode-se distinguir, analisar e desenvolver uma idéia sobre a matéria em questão, lapidada em última instância após exaustivas discussões em sala de aula.

É do conhecimento de todos que é extremamente difícil elaborar uma conceituação científica, pois na busca de definições defrontamo-nos num campo onde existem linhas de pensamento que apresentam divergências e incertezas.

Ora, na área contábil a dificuldade é a mesma. A inclusão da Contabilidade no campo da Ciência, da Técnica ou da Arte, por exemplo, tem sido debatida pelos mais ilustres

estudiosos desta disciplina. Como resultado destas controvérsias tem surgido correntes distintas e antagônicas, e ainda hoje permanece a dúvida sobre a classificação e conceituação de Contabilidade.

Sendo assim, sem pretensão alguma além do intuito de fornecer subsídios e no sentido de trazer à tona o conhecimento absorvido, concluímos que a Contabilidade é uma Ciência, haja vista apresentar as seguintes características:

- Ter objeto de estudo próprio;
- Utilizar-se de métodos racionais;
- Estabelecer relações entre os elementos patrimoniais, válidas em todos os espaços e tempos;
- Apresentar-se em constante evolução;
- Ser o conhecimento contábil regido por leis, normas e princípios;
- Seus conteúdos evidenciarem generalidade;
- Ter caráter preditivo;
- Estar relacionada com os demais ramos do conhecimento científico;
- A construção lógica do pensamento ser o fundamento das idéias e estas ensejar os conteúdos das doutrinas;
- Apresentar o caráter de certeza na afirmação de seus enunciados.

A Contabilidade ajusta-se, por conseguinte, de acordo com os requisitos exigidos pela Epistemologia ou Lógica das Ciências.

É oportuno, ao concluirmos este trabalho, salientar a necessidade de avançar ainda mais no exame de alguns aspectos relevantes. Que o nosso trabalho não espelhe a arrogância de representar a exaustão

da questão. Muito pelo contrário. Pela importância e complexidade do tema, e em virtude da insignificante quantidade de bibliografia específica à disposição sobre o assunto, seria extremamente interessante que acadêmicos, autores e doutrinadores nacionais se manifestassem sobre o tema, evidenciando-o de uma maneira mais enfática como um desafio ao conhecimento.

10 BIBLIOGRAFIA

- 1 BARROS, Aidil Jesus Paes, LEHFELD, Neide A. de Souza. Um guia para a inicialização científica. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1986.
- 2 GALLIANO, A. Guilherme. O método científico: teoria e prática. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1979. TT
- 3 HERMANN JR, Frederico. Contabilidade superior. 7 ed. São Paulo: Atlas, 1967.
- 4 JOLIVET, Régis. Curso de filosofia. 4.ed. Rio de Janeiro: Agir, 1967.
- 5 LAHR, C. Manual de filosofia. 6. ed. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1952.
- 6 LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. Metodologia científica. São Paulo: Atlas, 1983.
- 7 SÁ, Antônio Lopes de. A classificação científica da contabilidade. Revista do Conselho Regional de Contabilidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, n.25, p.5-8, 1980.
- 8 _____. Fundamentos lógicos da ciência contábil. Revista Brasileira de Contabilidade, Rio de Janeiro, v.15, n.52, p.21-23, jan./mar. 1985.
- 9 NASCIMENTO, José Amado. Aspectos científicos da contabilidade. Revista Brasileira de Contabilidade, Rio de Janeiro, v.14, n.48, p.7-13, jan./mar. 1984.
- 10 RUIZ, João Alvaro. Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos. São Paulo, Atlas, 1977.
- 11 TRUJILLO FERRARI, Alfonso. Metodologia da pesquisa científica. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1982.
- 12 VIANA, Cibilis da Rocha. Teoria geral da contabilidade. Porto Alegre: Sulina, 1966. v. 1.

**Poucas
coisas
tem tanto
valor
quanto o
Conselho
dos
Contabilistas**

**Valorize
o seu
e obtenha
resultados**